

LETRAMENTO E AUTORIA - UMA PROPOSTA PARA CONTORNAR A QUESTÃO DA DICOTOMIA ORAL/ESCRITO

Leda Verdiani Tfouni *

“Logo pensei de escovar palavras. Porque eu havia lido em algum lugar que as palavras eram conchas de clamores antigos. Eu queria ir atrás dos clamores antigos que estariam guardados dentro das palavras. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma”. (Manoel de Barros, “Escova”, In Memórias Inventadas)

RESUMO: *Apesar de ser ainda realidade distante do contexto de ensino/aprendizagem da maioria da população brasileira, este trabalho traz uma discussão sobre a noção de letramento comentando alguns recursos da tecnologia de informação aplicada à escrita, leitura e comunicação. Começo fazendo um sobrevôo sobre o conceito de letramento para, em seguida, discutir como o computador e a internet vieram não apenas modificar as condições de criação de texto escrito, mas também apresentar práticas de letramento que vão além de escrever e ler para incluir comunicação e reflexão crítica. Estarei aqui considerando, com visão uma tanto quanto positiva que, num futuro não muito distante, essa situação passe de puramente ficcional para real, no contexto de ensino e aprendizagem no Brasil.*

PALAVRAS-CHAVE: *letramento; práticas; internet; comunicação; reflexão crítica.*

* Universidade de São Paulo – USP-Ribeirão Preto/CNPq.

Introdução

Retomo aqui Tfouni (2001), onde esta autora apresenta uma proposta segundo a qual a autoria de um texto se instaura quando o sujeito do discurso ocupa uma posição que lhe permite lidar com a dispersão e aceitar a deriva que sempre se instala. Vou tentar aprofundar esta reflexão, fazendo, para tanto, um esforço no sentido de estabelecer um diálogo entre a Análise de Discurso de filiação francesa e a Psicanálise lacaniana.

Para Guimarães, o sujeito, quando na posição de autor, “... assume como suas as palavras que de direito são do interdiscurso”. Deste modo, segundo ele, o autor produz a “...ilusão de um presente sem memória”. (1999:3). Este autor encaminha a discussão, na seqüência, para o trabalho da interpretação, mais propriamente a interpretação do analista, a qual ele coloca como algo que se dará em um momento posterior ao da produção do texto. Afirma ele: “... é de uma posição de sujeito no interdiscurso que se faz a interpretação anafórica que, ao se fazer, produz historicamente sentidos”. (op. cit., p.10)

Contrariamente ao que propõe Guimarães, pretendo aqui apresentar o trabalho de autoria como sendo da ordem de uma interpretação dêitica (e não anafórica, como afirma Guimarães), a qual, do meu ponto de vista, se dá no próprio processo de enunciação. Retomo, nesse sentido, trabalhos anteriores de Tfouni (1997, 2001, 2003), onde é apresentada uma proposta de que o autor realiza uma função específica de posição-sujeito. Afirma-se, nesses trabalhos, que o que serve para dar as coordenadas da autoria em relação ao sujeito-enunciador da atividade languageira é que o autor trabalha na região do intradiscurso, enquanto que o enunciador está na dimensão do interdiscurso.

Essa dupla visada vem constituir o trabalho da autoria de acordo com o seguinte processo: Enquanto o autor tece o fio do discurso, procurando construir para o leitor/ouvinte a ilusão de um

produto linear, coerente e coeso, onde não existiria a dispersão, o sujeito linguageiro está preso à dupla ilusão: imaginar que é dono de seu dizer e também que aquilo que diz equivale a uma tradução literal do seu pensamento.

Ora, estar sob o domínio dos dois esquecimentos e tentar “domar” a dispersão, significa, ao mesmo tempo, que há um “eu”, que controla, e um “sujeito” que se perde. Ou, em outras palavras, significa admitir a existência de *lalangue*, que não cessa de se infiltrar na língua, movimento este que faz com que o trabalho de autoria se formule em um duplo eixo: por um lado, controlar, através de mecanismos lingüísticos adequados, a dispersão, que ameaça -na enunciação- a unidade do texto, o dizer pleno almejado; por outro lado, procurar mecanismos de ancoragem, que sedimentem e tragam uma “naturalidade” de sentido ao texto, uma linearidade, que faz parecer que ali não existiria deriva possível (ou seja, que aquela era a única maneira de dizer). Conforme vou mostrar brevemente mais adiante, o uso de genéricos é um desses mecanismos.

Por ora, devo dizer que o autor está, deste modo, constantemente renunciando a outras formas paradigmáticas possíveis, dentro de uma ordem sintagmática pretendida. O processo descrito gera momentos de uma dinâmica especial na enunciação, e isto é mostrado, na fala, pela ocorrência de hesitações, falsos começos, enfim, as assim chamadas parapraxias, que, atuando sobre a seqüência sintagmática, indiciam a força paradigmática. Temos aí evidências do embate entre a ilusão de livre escolha, que é a essência do trabalho de autoria, por um lado, e, por outro, a irrupção do real, “fazendo furo” no simbólico, e quebrando a transparência imaginária da língua. Nesses momentos, em que se dá conta de que as palavras não recobrem totalmente o mundo, o sujeito perde seu apoio como autor, e se refugia no grande Outro, a fim de buscar tamponar esse real.

O que se delineia acima é um embate entre consciente e inconsciente, ou, como afirma F. Tifouni “... um compromisso dialético

